

INCLUSÃO LINGUÍSTICA E CURRICULAR DE ALUNOS MIGRANTES

ORIENTAÇÕES PARA O NÍVEL ZERO

Fausto Caels Joaquim Segura Susete Albino

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Inclusão linguística e curricular de alunos migrantes: Orientações para o Nível Zero

AUTORES

Fausto Caels, Joaquim Segura & Susete Albino

EDIÇÃO

Ministério da Educação, Ciência e Inovação / Direção-Geral da Educação (DGE)

DIRETOR-GERAL DA EDUCAÇÃO

David Sousa

DESIGN E PAGINAÇÃO

Fausto Caels

ISBN 978-972-742-582-2

DATA janeiro de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os alunos migrantes com quem temos tido o privilégio de trabalhar e de aprender e que, com a sua resiliência, nos desafiam diariamente a formular respostas mais adequadas e eficazes, com vista à construção de uma Escola mais inclusiva.

Agradecemos igualmente a todos os colegas que, ao longo dos anos, têm dedicado o seu trabalho aos alunos migrantes e que, com as suas práticas, reflexões e dúvidas, contribuíram, de forma direta ou indireta, para a concretização deste trabalho.

Agradecemos, por último, à Ana Sofia Lemos e à Cláudia Assis, especialistas na área da Educação Inclusiva, pelos esclarecimentos relativos às medidas de suporte à aprendizagem passíveis de serem mobilizadas com alunos posicionados no Nível Zero.

Por favor, cite esta publicação como:

Caels, F., Segura, J., & Albino, S. (2025). *Inclusão linguística e curricular de alunos migrantes: Orientações para o Nível Zero*. Direção-Geral da Educação

Índice

<i>Introdução</i>	2
<i>O que é o Nível Zero?</i>	4
<i>Como aferir o Nível Zero?</i>	6
<i>É possível comunicar com os alunos posicionados no Nível Zero?</i>	9
<i>Como mobilizar a autonomia e flexibilidade curricular no Nível Zero?</i>	13
<i>Como mobilizar as medidas para a inclusão no Nível Zero?</i>	15
<i>Como operacionalizar as normas do PLNM no Nível Zero?</i>	19
<i>Como avaliar o desempenho curricular no Nível Zero?</i>	22
<i>Quando transitam os alunos para o Nível A1?</i>	24

Introdução

Tem-se assistido a um aumento significativo de alunos migrantes no sistema educativo nacional, a maioria dos quais se encontra em estádios muito iniciais da aprendizagem do português. O acolhimento e inclusão destes alunos afiguram-se particularmente desafiantes, dado o papel essencial que a língua desempenha em contexto escolar, seja na interação com professores, técnicos e colegas, seja no acesso às aprendizagens curriculares. Atendendo a este cenário, o presente guia propõe orientações específicas para o trabalho com estes alunos.

O guia tem como principal objetivo introduzir o **Nível Zero (ou Nível 0)**. A criação deste nível no contexto da escola portuguesa surge enquadrada pelo Plano "Aprender Mais Agora" e, dentro deste, pelo Eixo II, "Inclusão e Sucesso de alunos migrantes" (*Vide* Resolução do Conselho de Ministros n.º 140/2024, de 17 de outubro). No panorama internacional, este Nível Zero, caracterizado pela realização de necessidades comunicativas básicas com recurso a unidades linguísticas mínimas, está em linha com as orientações europeias para o ensino-aprendizagem das línguas enunciadas no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR, 2001, 2018, 2020), tratando-o, nomeadamente, como um estádio anterior ao nível A1.

O guia define o Nível Zero e relaciona-o com os processos de acolhimento e inclusão. Mais do que isso, assume-se como um instrumento de apoio, oferecendo orientações práticas às escolas para a operacionalização das medidas a proporcionar a alunos migrantes com conhecimentos muito reduzidos de português. O guia está, assim, organizado sob a forma de resposta a questões relevantes para os diversos agentes que contactam diariamente com este público.

Mais concretamente, o guia propõe, para o Nível Zero:

- Procedimentos de aferição
- Fases de desenvolvimento linguístico
- Cuidados na comunicação com os alunos
- Estratégias de operacionalização dos apoios
- Práticas de avaliação
- Descritores de transição de nível (para A1)

As medidas propostas neste guia regem-se pelos seguintes princípios:

- Acolher a diversidade, como forma de garantir o bem-estar, a segurança e o sucesso na inclusão no sistema educativo
- Intervir com base em informação e conhecimento, para delinear as medidas de acolhimento e inclusão curricular

- Personalizar o ensino, a aprendizagem e adaptar a avaliação, atendendo ao perfil geral de Nível Zero e às necessidades imediatas e específicas dos alunos
- Mobilizar a comunidade educativa, implicando os órgãos de gestão, a equipa de Português Língua Não Materna (PLNM), a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) e o corpo docente na inclusão linguística e curricular destes alunos
- Valorizar as valências dos diferentes agentes educativos no desenho e implementação de medidas de apoio ajustadas ao perfil de Nível Zero
- Considerar que todos os professores podem contribuir para a aprendizagem do português, em contexto de imersão escolar

Este guia é complementado com outros volumes relativos à inclusão linguística e curricular de alunos posicionados no Nível Zero, que compreendem:

- Propostas de instrumentos de posicionamento, aferição de competências e transição de nível
- Sugestões de conteúdos, metodologias e recursos para o desenvolvimento de competências comunicativas elementares em português
- Orientações e exemplos de operacionalização da articulação entre o ensino-aprendizagem da língua portuguesa e de conteúdos curriculares

Estes documentos integram uma medida de política educativa mais ampla, enquadrada pelo Plano "Aprender Mais Agora", pressupondo, nomeadamente, a revisão, já prevista, das Aprendizagens Essenciais da disciplina de PLNM, a disponibilização de textos de apoio à inclusão curricular dos alunos de origem migrante que não têm o português como língua materna, nos diferentes níveis de proficiência linguística, e a formação de professores.

O que é o Nível Zero?

O Nível Zero corresponde a uma iniciação absoluta à língua portuguesa, na forma oral e escrita. Estão abrangidos, por este nível, todos os alunos de origem migrante que ingressam no sistema educativo sem conhecimentos prévios do português e, também, todos os alunos que já iniciaram a sua aprendizagem da língua, mas que ainda não reúnem as condições para integrar o Nível A1. O Nível Zero constitui, assim, uma etapa inicial na aprendizagem do português, caracterizada por competências comunicativas extremamente limitadas nessa língua.

O Nível Zero corresponde a uma iniciação absoluta ao português

O Nível Zero, como o próprio nome indica, antecede os restantes níveis de proficiência já em uso em contexto escolar. A sua criação decorre do reconhecimento de que os descritores até ora contemplados no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR) para o nível A1 e nas Aprendizagens Essenciais (PLNM; nível A1) constituem metas muito longínquas para os alunos que ingressam na escola sem conhecimentos prévios do português e, eventualmente, do alfabeto latino, sendo, portanto, necessário equacionar medidas de apoio específicas para este efeito.

O Nível Zero constitui o primeiro passo de um percurso de aprendizagem da língua que se antevê longo e desafiante. Esse percurso terá sido trilhado com êxito, se e quando os alunos conseguirem desenvolver níveis elevados de proficiência e de literacia, que lhes permitam acompanhar o currículo sem apoios acrescidos e alcançar o sucesso desejado. O desenvolvimento de tais competências requer muito tempo, sendo realista equacionar um período de vários anos, com diferenças caso a caso, decorrentes de características individuais.

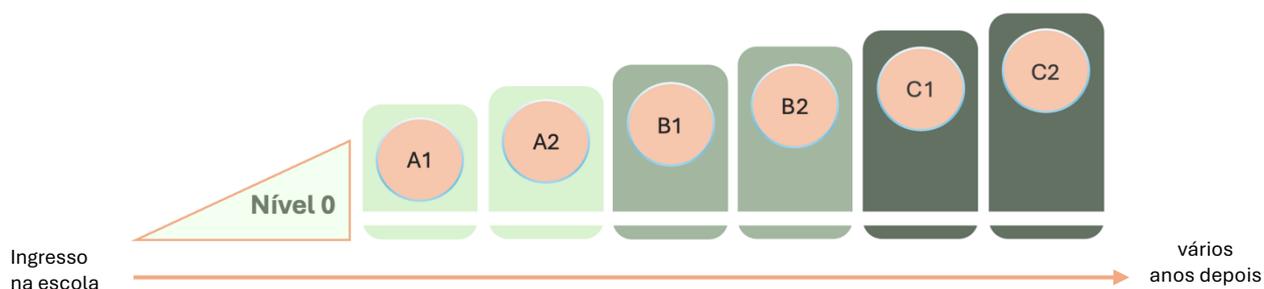


Figura 1: O Nível Zero como o início da aprendizagem da língua

O Nível Zero processa-se num contexto de imersão linguística, cultural e escolar. O facto de os alunos estarem imersos no português aumenta exponencialmente as oportunidades de aprendizagem e de uso da língua, em articulação com outras vivências reais e concretas. Simultaneamente, a experiência imersiva acarreta enormes desafios linguísticos, cognitivos e emocionais. A abundância de estímulos, bem como a omnipresença do português na escola, têm – inevitavelmente – um forte impacto no dia a dia dos alunos e no seu desenvolvimento pessoal.

Uma escola inclusiva mostra-se atenta a esses desafios e procura proporcionar um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor, apostando na superação das barreiras linguísticas, com o contributo de todos. A criação do Nível Zero constitui uma peça-chave para alcançar esse objetivo, pois permite compreender melhor o perfil e as necessidades destes alunos e, na sequência dessa caracterização, equacionar respostas educativas que lhes sejam adequadas.

Caracterizar o Nível Zero permite o desenho de respostas educativas ajustadas

Dito de outro modo, operacionalizar o Nível Zero pressupõe diagnosticar os conhecimentos em português dos alunos migrantes quando ingressam na escola, mas também – e crucialmente – ativar mecanismos de apoio que tenham em consideração esses mesmos conhecimentos, numa inclusão simultaneamente linguística, curricular, cultural e emocional.

Neste contexto, a criação do Nível Zero permite:

- Planear e acelerar a aprendizagem do português, em estádios iniciais de contacto com a língua, com base no perfil sociolinguístico, no percurso escolar e nas necessidades específicas dos alunos
- Oferecer, aos alunos recém-chegados, condições equitativas que assegurem a inclusão escolar e curricular
- Promover a igualdade de oportunidades
- Otimizar os recursos e o *know-how* das escolas, a partir de contributos de professores e técnicos de diferentes áreas
- Sugerir conteúdos, estratégias e materiais adequados a este público

Tome nota!

O Nível Zero não é sinónimo da designação ano zero, iniciativa que se traduz na frequência de um programa de aprendizagem intensiva de português, com a duração aproximada de um ano, antes de os alunos ingressarem no currículo e ao qual se reconhecem as seguintes fragilidades:

- Promove a segregação, ao invés da inclusão
- Traduz-se em atrasos no desenvolvimento cognitivo/curricular, ao centrar-se exclusivamente na aprendizagem da língua
- É mais difícil de operacionalizar, pois requer a conceção de um currículo e horário exclusivos para estes alunos, diferente dos demais alunos
- Sugere – erroneamente – que os alunos desenvolvem, no espaço de um ano, um nível de proficiência em português que lhes permita, em seguida, acompanhar o currículo sem necessidades acrescidas

No quadro legal em vigor, o leque de apoios à inclusão de alunos recém-chegados é diversificado, sendo a criação de grupos temporários de acolhimento para a integração progressiva no currículo uma alternativa ao ano zero.

Como aferir o Nível Zero?

A identificação dos alunos posicionados no Nível Zero é um processo faseado, que envolve múltiplos intervenientes, em diferentes momentos.

Aquando da inscrição dos alunos migrantes no estabelecimento de ensino, é importante que os serviços administrativos disponham de um instrumento para efetuar uma primeira triagem, com a identificação de informações como o país de origem, o uso de uma língua distinta do português em contexto familiar e o percurso escolar, entre outros. O instrumento deve ser disponibilizado em diferentes línguas.

1. Qual é o vosso país de origem? _____
2. Que língua(s) falam em casa? _____
3. Fala(m) português? Sim ___ Não ___ Um pouco ___
4. O seu educando/a sua educanda fala português? Sim ___ Não ___ Um pouco ___
5. Que (outras) língua(s) usa o seu educando/a sua educanda para comunicar? _____
6. O seu educando/a sua educanda já frequentou uma escola em Portugal? Se sim, qual?
7. Qual é a sua relação com o educando/a educanda? Pai ___ Mãe ___ Outro (especificar) _____

Figura 2: Exemplo de uma ficha de recolha de informação

Os dados recolhidos no momento da matrícula devem servir de suporte à realização de uma reunião com o encarregado de educação e o aluno, conduzida pelo professor titular/diretor de turma e o professor de PLNM (enquanto elementos variáveis da EMAEI), com o apoio eventual de um mediador linguístico. Recomenda-se que este momento integre uma receção escolar mais abrangente, num ambiente de segurança, confiança e respeito pelo Outro, e que seja enriquecida com uma visita à escola e disponibilização de informação escrita (por ex. guia de acolhimento).

A reunião deve contemplar o preenchimento de uma ficha sociolinguística, que poderá ser disponibilizada em português e/ou numa das línguas faladas pelo agregado familiar. Sempre que relevante, poderá recorrer-se também a um serviço de tradução em linha.

A reunião deve permitir, igualmente, uma primeira aferição, em termos muito globais, do desempenho oral do aluno em português. Esta aferição, que deve ser conduzida em língua portuguesa, poderá ser realizada mediante a aplicação, pelo docente de PLNM, do questionário abaixo. Caso se conclua que o aluno se situa no Nível Zero, o diagnóstico deve dar-se por terminado, sem necessidade de aplicação de outros instrumentos. Aos alunos que demonstrem competências mais avançadas, deve ser efetuado, em momento posterior, um diagnóstico mais detalhado, para determinar o seu nível de proficiência em português.

		Não responde	Responde com dificuldades	Responde sem dificuldades
1.	Como te chamas?			
2.	Quantos anos tens?			
3.	Em que país nasceste?			
4.	Onde vives?			
5.	Com quem vives?			
6.	Que línguas falas?			
7.	Que atividades gostas de fazer?			
8.	Como vieste para a escola hoje?			
9.	Qual é o teu meio de transporte preferido? Porquê?			
10.	Como era a tua última escola? Podes descrevê-la?			
11.	Qual era a tua disciplina preferida?			
12.	O que vais fazer hoje, depois da escola?			
13.	Que profissão gostarias de ter no futuro?			
14.	Conta-me o que fizeste no fim de semana passado.			

Figura 3: Exemplo de guião de entrevista

Perguntas 1-7	Perguntas 8-14
<p>Um aluno que não seja capaz de responder a nenhuma pergunta do primeiro conjunto situa-se, muito provavelmente, no Nível Zero. Não se deve prosseguir com a aplicação do guião. Este desempenho, todavia, pode dever-se também ao estado emocional do aluno aquando da entrevista. Havendo indícios dessa situação, será relevante retomar a entrevista num momento posterior, num contexto mais facilitador da comunicação.</p> <p>Um aluno capaz de responder a parte das perguntas possui já conhecimentos básicos da língua portuguesa. Poderá situar-se ainda no Nível Zero ou enquadrar-se já num nível de proficiência superior, dependendo da forma como respondeu. Essa aferição implica que se prossiga com a aplicação do guião.</p>	<p>As questões deste conjunto apresentam um grau de dificuldade superior, requerendo a mobilização de estruturas linguísticas mais complexas e/ou um grau de desenvolvimento maior.</p> <p>As competências dos alunos posicionados no Nível Zero não lhes permitem compreender ou responder ao solicitado nesta secção.</p> <p>Alunos que respondem, integralmente ou em parte, a estas perguntas não se situam no Nível Zero. O seu desempenho mais ou menos fluente deve motivar a aplicação de um teste de posicionamento em PLNM, de acordo com o modelo fornecido pela DGE.</p>
<p>Observação: A avaliação realizada por meio do guião carece de confirmação, nomeadamente com a observação direta do desempenho do aluno na escola / na sala de aula, nas primeiras semanas.</p>	

A reunião serve, ainda, para averiguar se o aluno foi alfabetizado e, se sim, em que sistema de escrita. Caso se verifique que não sabe ler nem escrever, devem ser criadas e implementadas respostas educativas por parte da escola que frequentam, orientadas para estratégias de aprendizagem da leitura e da escrita, mobilizando, nomeadamente, professores do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Tome nota!

Caso o aluno indique saber ler e escrever, mas não possua os conhecimentos de português para o demonstrar (Nível Zero), recomenda-se a solicitação da leitura de um texto curto na sua língua materna, adequado à faixa etária, bem como uma breve produção escrita. Mesmo que os professores presentes não dominem a língua em questão, esta atividade pode fornecer pistas importantes quanto ao nível de literacia do aluno (velocidade leitora, extensão textual, observância dos sinais de pontuação, caligrafia...). O conteúdo e a qualidade da produção escrita podem, adicionalmente, ser apreciados por meio de uma tradução automática.

São de valorizar as competências de literacia desenvolvidas na língua materna dos alunos, sendo estas, com tempo, transferíveis para o português. Assim, é provável que um aluno que goste de ler na sua língua materna e o faça com fluência, desenvolva também competências semelhantes em português, o mesmo se aplicando à produção escrita.

É possível comunicar com os alunos posicionados no Nível Zero?

A comunicação com os alunos posicionados no Nível Zero, embora limitada, é possível desde que o interlocutor (professor, pessoal não docente, colega) tenha em consideração alguns cuidados específicos. Para melhor enquadrar esses cuidados, apresenta-se, seguidamente, um conjunto de comportamentos e estratégias comunicativas que as crianças e jovens de origem migrante frequentemente adotam durante os primeiros contactos com a língua, em contexto de imersão.

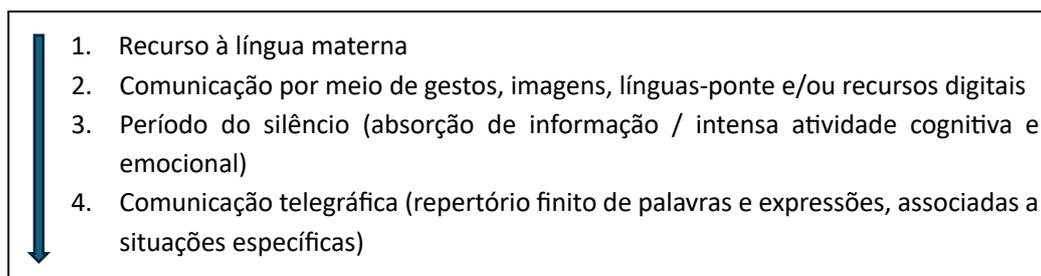
- 
1. Recurso à língua materna
 2. Comunicação por meio de gestos, imagens, línguas-ponte e/ou recursos digitais
 3. Período do silêncio (absorção de informação / intensa atividade cognitiva e emocional)
 4. Comunicação telegráfica (repertório finito de palavras e expressões, associadas a situações específicas)

Figura 4: Comportamentos e estratégias comunicativas no Nível Zero

O **recurso à língua materna** é uma estratégia natural e intuitiva. Os alunos recorrem à sua língua materna, porque lhes está imediatamente acessível e porque estão habituados a comunicar nela com as pessoas mais próximas. Podem, inclusivamente, ter sido escolarizados nessa língua, antes de ingressarem no sistema educativo português. O recurso à língua materna será mais comum em crianças mais jovens, que demoram algum tempo a compreender a nova realidade sociolinguística em que se encontram. Enquanto etapa de desenvolvimento, tende a ter uma duração limitada, pois os alunos rapidamente se apercebem de que as demais pessoas não os entendem e de que há uma outra língua maioritária associada ao novo contexto; neste caso, o português. É também nesta altura que se podem estabelecer importantes laços de amizade e de interajuda com outros alunos que partilham a mesma língua. O facto de haver, na escola, profissionais e colegas que possam comunicar com os alunos na sua língua materna constitui uma mais-valia que merece ser explorada.

O uso **de gestos, imagens, línguas-ponte e/ou recursos digitais** é uma forma natural de superar as limitações comunicativas decorrentes do desfasamento entre a língua materna e a língua de escolarização. Procurando formas alternativas de comunicar, os alunos e as pessoas que com eles interagem 1) usam outras línguas que tenham em comum, como o inglês, o espanhol ou o francês, 2) expressam-se por meio de linguagem corporal ou visual e/ou 3) recorrem à tecnologia para mediar a interação, como é o caso da tradução automática de enunciados escritos ou orais. Estas estratégias devem ser valorizadas nas fases iniciais, podendo, inclusivamente, continuar a ser um auxílio importante à comunicação e à aprendizagem do português em fases posteriores. Não devem, contudo, ser entendidos como um substituto a essa mesma aprendizagem.

Os alunos recém-chegados passam por várias fases de desenvolvimento no Nível Zero

O **período do silêncio** corresponde a uma etapa em que os alunos recém-chegados, especialmente os que tiveram pouca ou nenhuma exposição prévia à língua, se mostram relutantes em falar português, preferindo estar em silêncio. Muitas vezes, os alunos sentem-se incapazes ou inseguros em utilizar a língua, o que é compreensível. Importa sublinhar, porém, que esta etapa é perfeitamente natural, marcando o verdadeiro início da aprendizagem. Durante esta fase, os alunos expõem-se ativamente ao português, procurando identificar sons, palavras, significados e princípios gramaticais. Embora não consigam ainda expressar os seus pensamentos nessa língua, encontram-se numa intensa atividade interior – cognitiva e emocional – e podem, inclusivamente, entender uma parte do que está a acontecer à sua volta. O período de silêncio dura, em média, dois a seis meses. É difícil generalizar, dado o peso de fatores pessoais, como a personalidade ou o estado emocional do aluno, mas também de fatores sociais, nomeadamente o ambiente de aceitação e de inclusão proporcionado pela escola. Os alunos não devem ser forçados a falar durante este período. Cabe a cada professor criar um ambiente de sala de aula em que todos possam sentir-se seguros e (começar a) expressar-se.

A **comunicação telegráfica** caracteriza-se pelo uso de palavras, expressões ou frases memorizadas, de forma mais ou menos isolada. Corresponde, no fundo, ao culminar do Nível Zero, em que o aluno realiza um conjunto de tarefas comunicativas relevantes e simples, sem, contudo, deter um uso “gerativo”, criativo ou autónomo da língua. Esta etapa constitui um marco fundamental no desenvolvimento linguístico dos alunos migrantes. De um ponto de vista emocional, revela o seu compromisso com a aprendizagem do português e a superação da fase do silêncio. De um ponto de vista social, viabiliza a interação propriamente dita com professores e colegas, ainda que hesitante e com muitas limitações. É importante valorizar o esforço e os sucessos comunicativos dos alunos, em detrimento, pelo menos nesta fase, da correção gramatical dos enunciados.

Em síntese, o desenvolvimento das primeiras competências comunicativas em português associado ao Nível Zero é um processo complexo e gradual, que se pode estender por um período variável (de algumas semanas a vários meses), em função do perfil sociolinguístico do aluno e de fatores individuais como a confiança, a motivação, o estilo cognitivo e a aptidão para a aprendizagem de línguas. Assim, por exemplo, é provável que um aprendiz com autoestima baixa e/ou com níveis de ansiedade elevados revele mais dificuldades (esta situação pode ocorrer, nomeadamente, em crianças e jovens refugiados e em estudantes que foram alfabetizados num sistema de escrita distinto do latino).

O comportamento e a evolução dos alunos posicionados no Nível Zero dependerão, acima de tudo, dos apoios linguísticos, emocionais e curriculares proporcionados pelos professores, pessoal não docente e colegas, bem como do ambiente geral de inclusão que se vive na escola.

Conhecer e respeitar o perfil do aprendente posicionado no Nível Zero são passos fundamentais para comunicar com os alunos recém-chegados e auxiliá-los na aprendizagem da língua. O recurso ao português na interação com estes alunos pressupõe um conjunto de cuidados e estratégias acrescidos por parte do interlocutor, tais como:

- Falar muito lentamente
- Articular bem as palavras
- Produzir enunciados muito curtos e simples
- Fazer pausas longas
- Repetir a informação
- Estabelecer contacto visual
- Utilizar palavras familiares e de uso quotidiano
- Referir-se a realidades imediatamente presentes
- Acompanhar o discurso com gestos e imagens
- Dar instruções muito claras, bem sequenciadas e ilustradas

No Nível Zero, a comunicação em português é muito elementar e requer cuidados especiais por parte do interlocutor

Ao mesmo tempo, é importante que esse interlocutor esteja ciente das competências muito reduzidas de produção e interação que caracterizam este nível, sendo expectável que os alunos:

- Se expressem por meio de palavras isoladas
- Empreguem expressões breves e memorizadas
- Necessitem de tempo para se preparar antes de falar
- Recorram amplamente a gestos, linguagem corporal e imagens
- Se mostrem muito hesitantes (pausas longas, falsas partidas, lacunas)
- Necessitem da ajuda do interlocutor para coconstruir a mensagem

Sublinhe-se que estes cuidados e estratégias, embora fundamentais, não são suficientes, por si só, para comunicar com este público. Na realidade, o uso exclusivo da língua portuguesa resulta, quase sempre, numa interação muito limitada, que dificilmente permite suprir as necessidades comunicativas dos alunos em contexto escolar. Impõe-se, portanto, o recurso à **comunicação mediada**, como forma de ir ao encontro do perfil dos alunos e de maximizar os conhecimentos de que dispõem. Será particularmente profícuo, nesta fase, a utilização da/do:

- Língua materna
- *Translanguaging* (ver caixa de texto abaixo)
- Inglês como língua franca
- Tradução automática
- Comunicação não verbal

A interação no Nível Zero requer necessariamente o recurso a outras línguas e canais de comunicação

Tome nota!

O *translanguaging* consiste no uso de duas ou mais línguas para comunicar, aprender ou realizar atividades, havendo uma alternância ou transição natural entre elas. Este processo, que acontece de forma espontânea em muitos falantes bilingues (mesmo quando possuem níveis avançados de proficiência em ambas as línguas), pode também ser mobilizado na escola, com fins pedagógicos. Permite, por um lado, valorizar a diversidade linguística e o repertório dos alunos e, por outro, otimizar a aprendizagem das línguas e de conteúdos curriculares.

Para exemplos concretos, veja-se, “usar o *translanguaging* nas aulas” (p. 17)

Segue-se uma síntese de estratégias comunicativas a adotar com alunos posicionados no Nível Zero. É importante que estes cuidados e estratégias sejam divulgados e adotados por todas as pessoas que contactam com estes alunos em contexto escolar, sejam eles professores, pessoal não docente ou outros alunos.

O que fazer		O que não fazer	
<ul style="list-style-type: none"> • Incluir, respeitar, sorrir, valorizar • Produzir frases muito curtas • Utilizar palavras do dia a dia • Manter o contacto visual • Referir realidades imediatamente presentes • Falar de forma pausada e articulada • Usar sistematicamente as mesmas expressões-chave • Recorrer a gestos e a pistas visuais • Aceitar que os alunos se expressem por meio de palavras soltas • Aceitar que os alunos se expressem de forma não verbal (gestos, expressões faciais, imagens) • Respeitar o silêncio – as competências recetoras precedem as competências produtoras • Recorrer à tradução automática de mensagens curtas • Incentivar o uso da língua materna • Empregar uma ou várias línguas-ponte • Recorrer a um mediador linguístico profissional • Permitir que alunos da mesma língua materna se apoiem mutuamente • Incentivar e valorizar todas as iniciativas de comunicação, independentemente da clareza ou precisão gramatical 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrar em pânico e assumir que é impossível comunicar com os alunos • Falar num tom e ritmo habituais, usados para comunicar com falantes nativos de português • Comunicar apenas oralmente com os alunos, sem outros mecanismos de apoio • Tomar o período de silêncio como uma recusa em falar português • Confundir dificuldades linguísticas com dificuldades de aprendizagem • Insistir para que o aluno se expresse (apenas) em português • Apelar ao uso do português em casa (apoiar a língua materna estimula a aprendizagem do português!) • Insistir na observância de princípios gramaticais • Recorrer sistematicamente à tradução automática para comunicar com os alunos • Recorrer à tradução automática para traduzir longos trechos discursivos ou textos • Assumir que os alunos compreendem todas as traduções automáticas ou definições de dicionários • Considerar que algumas disciplinas (por ex. Matemática, Educação Visual, Educação Musical) têm uma linguagem “universal”, dispensando cuidados acrescidos na comunicação 		

Como mobilizar a autonomia e flexibilidade curricular no Nível Zero?

O currículo dos ensinos básico e secundário, assim como os princípios orientadores da sua conceção, operacionalização e avaliação constam dos normativos em vigor. O objetivo é garantir que todos os alunos adquiram os conhecimentos e desenvolvam as capacidades e atitudes que lhes permitam alcançar as competências previstas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

A autonomia e flexibilidade curricular permite às escolas gerir o currículo, adaptando-o às necessidades locais e às especificidades dos alunos.

Esta autonomia e flexibilidade confere às escolas condições para responder a alguns dos desafios que o número elevado de crianças e jovens posicionados no Nível Zero levanta, pois viabiliza não só a oferta da disciplina de PLNM, mas também medidas como as abaixo apresentadas.

Criação de planos e programas de ação adequados ao contexto e às necessidades dos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Disponibilizar estratégias de aprendizagem da leitura e da escrita para os alunos que não foram alfabetizados ou que o foram noutra sistema de escrita• Disponibilizar materiais e recursos em português elementar/de sobrevivência em contexto escolar• Criar um programa/turma de acolhimento centrado no ensino/aprendizagem do português, na sua qualidade de língua de escolarização, mobilizando professores de PLNM e professores de outras áreas curriculares• Dispensar os alunos da frequência de determinadas disciplinas (como a Língua Estrangeira II ou III) para reforçar a aprendizagem do PLNM <p style="text-align: right;">Ver também: integração progressiva no currículo</p>
Adaptação dos horários de funcionamento às necessidades da comunidade escolar	<ul style="list-style-type: none">• Utilizar prioritariamente o crédito horário para a operacionalização de medidas para o Nível Zero, tendo em conta o número expectável de alunos com este perfil, nomeadamente para a implementação dos programas de acolhimento• Criar tempos comuns de trabalho para alunos posicionados no Nível Zero, independentemente da turma em que estão matriculados, a fim de facilitar a operacionalização das medidas• Fixar os horários da disciplina/apoio de PLNM/programa de acolhimento no início da elaboração de horários
Oferta de atividades complementares e que enriqueçam o planeamento curricular	<ul style="list-style-type: none">• Oferecer atividades extracurriculares ou clubes centrados na língua e/ou cultura de origem dos alunos migrantes, como forma de lhe(s) conferir maior visibilidade e criar um contexto de impacto positivo à inclusão dos alunos posicionados no Nível Zero <p style="text-align: right;">Ver também: medidas universais – enriquecimento curricular</p>

<p>Enriquecimento do currículo no domínio da Interculturalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar o Domínio da Interculturalidade no âmbito da área disciplinar/disciplina de Cidadania e Desenvolvimento • Oferecer uma disciplina centrada no diálogo intercultural, como forma de valorizar a pluralidade cultural e o multilinguismo, como fontes de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e coletivo
<p>Dinamização de momentos de apoio à aprendizagem dos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a coadjuvação nas áreas curriculares frequentadas pelos alunos e/ou em programas de acolhimento • Proporcionar momentos de estudo acompanhado nas áreas curriculares frequentadas pelos alunos posicionados no Nível Zero, dinamizados por professores dessas áreas, em articulação com os professores de PLNM e, eventualmente, professores de educação especial – partindo do pressuposto de que todos os professores são responsáveis pela inclusão e a aprendizagem do português • Prever tutorias e/ou mentorias (por ex. alunos da mesma língua materna) vocacionadas para o apoio aos alunos posicionados no Nível Zero, incidindo, nomeadamente, sobre o funcionamento do sistema educativo
<p>Diversificação de procedimentos e instrumentos de avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Privilegiar procedimentos e instrumentos de avaliação formativa, como o portefólio, que valorizem as competências e aprendizagens desenvolvidas (mais do que resultados quantitativos), tendo em conta a aquisição de uma língua não materna em contexto de imersão escolar <p style="text-align: center;">Ver também: medidas universais – acomodações curriculares</p>

Como mobilizar as medidas para a inclusão no Nível Zero?

A diversidade enriquece a comunidade educativa e os processos de aprendizagem, permitindo a troca de experiências e de diferentes perspetivas. Ao valorizar a pluralidade, a escola contribui para a formação de cidadãos mais críticos, empáticos e preparados para interagir numa sociedade plural.

Os princípios e normas que promovem a inclusão permitem entendê-la como um processo que responde à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos. O objetivo é garantir que o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* seja atingido por Todos.

A construção de uma escola inclusiva implica:

- 1) Acolher a diversidade
- 2) Educar para a diversidade
- 3) Intervir com base em informação e conhecimento
- 4) Personalizar o ensino, a aprendizagem e adaptar a avaliação

Para que esses objetivos se concretizem no trabalho com os alunos migrantes posicionados no Nível Zero, é crucial implementar práticas que promovam um acolhimento inclusivo, assegurando o bem-estar e o sucesso a Todos, independentemente da origem.

Os alunos migrantes que integram o sistema educativo nacional e para quem a língua portuguesa constitui uma barreira à aprendizagem e participação no currículo devem, desde a sua chegada à escola, ser acompanhados pela EMAEI. Para esse efeito, a equipa deve integrar, como membro variável, o coordenador/docente de PLNM. Cabe a este coordenador/docente, em articulação com os restantes membros da equipa:

- Propor as medidas de suporte à aprendizagem a mobilizar para estes alunos
- Acompanhar e monitorizar a aplicação dessas medidas
- Aconselhar os restantes docentes que trabalham com os alunos na implementação de práticas pedagógicas inclusivas
- Trabalhar colaborativamente com os restantes docentes do conselho de turma, para que cada professor seja capaz de ajustar as suas práticas pedagógicas

Os alunos posicionados no Nível Zero devem beneficiar de **medidas universais** para promover o acesso às diversas componentes do currículo, nomeadamente:

- Diferenciação pedagógica
- Acomodações curriculares
- Enriquecimento curricular
- Intervenção com foco académico ou comportamental em pequenos grupos

Estas medidas pressupõem-se transversais, devendo ser adotadas nas várias áreas curriculares frequentadas pelos alunos. Destacam-se alguns exemplos particularmente relevantes para a operacionalização de cada uma dessas medidas.

<p style="text-align: center;">Diferenciação pedagógica</p> <p style="text-align: center;">ADAPTAR CONTEÚDOS E FORMAS DE COMUNICAR EM AULA</p> <p style="text-align: center;"></p> <ul style="list-style-type: none"> • Usar estruturas muito simples do português (cf. palavras e expressões de uso quotidiano e frequente) • Recorrer à comunicação mediada <ul style="list-style-type: none"> ○ Língua(s)-franca(s) ○ Língua materna ○ Tradução automática ○ <i>Translanguaging</i> ○ Linguagem não verbal (gestos, expressões faciais, números, imagens...) ○ Tópicos e esquemas (desde que pensados especificamente para este público) ○ Inteligência Artificial • Instituir rotinas repetitivas e previsíveis, que os alunos possam memorizar rapidamente e nas quais possam mobilizar os conhecimentos adquiridos • Registrar sistematicamente, por escrito, e numa secção específica do quadro ou <i>flipboard</i> as ideias-chave, numa linguagem muito simples • Criar murais de palavras em português e nas línguas representadas na turma com palavras-chave das vivências escolares e/ou dos conteúdos em estudo • Criar, em conjunto com os alunos, glossários com palavras-chave do tema em estudo, incluindo definições ajustadas ao seu nível, exemplos de uso e termos equivalentes noutra(s) língua(s) • Reconhecer que o Nível Zero é cognitivamente e emocionalmente muito impactante, o que implica respeitar a fase do silêncio, o ritmo de cada aluno e a necessidade de momentos de descanso em aula, decorrente da sobrecarga de estímulos • Criar momentos em que todos os alunos estão em trabalho autónomo, de modo que o professor possa apoiar os diferentes alunos ou grupos de alunos, em função das suas dificuldades específicas • Permitir que os alunos se expressem em pequeno grupo e em coconstrução, antes de falarem para o grande grupo 	<p style="text-align: center;">Acomodações curriculares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sentar os alunos perto do quadro ou <i>flipboard</i> • Sentar os alunos perto de modelos positivos, nomeadamente um colega que fale a mesma língua materna e/ou um colega de língua materna portuguesa, desde que não resulte em constrangimentos de parte a parte • Fornecer tempo extra para a realização das tarefas • Diversificar a avaliação, privilegiando o portefólio enquanto instrumento personalizado de monitorização das aprendizagens • Optar pela avaliação qualitativa, consubstanciada em sínteses descritivas • Valorizar o conteúdo em detrimento da forma, nas produções orais e escritas dos alunos • Dar reforço positivo e valorizar as aprendizagens dos alunos por mais pequenas que possam parecer (considerando que estão a aprender o português em contexto de imersão escolar)
	<p style="text-align: center;">Enriquecimento curricular</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar aos alunos a oportunidade de participar nos Projetos e/ou Clubes existentes no agrupamento ou escola, como Desporto Escolar, Clube de Teatro, Clube de Xadrez... • Promover atividades que permitam manter e/ou divulgar a língua e cultura de origem e que constem do plano anual de atividades (por ex. secção multilingue na biblioteca escolar/centro de recursos; secção multicultural no jornal escolar; convite a embaixadas, associações de migrantes, etc. para participação em atividades da escola)
	<p style="text-align: center;">Intervenção com foco académico e comportamental em pequenos grupos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criar sessões de apoio extra-aula, em que o professor da área, em articulação com um agente educativo especializado em questões de acessibilidade linguística (professor de PLN, mediador linguístico, professor de educação especial...) antecipe ou reforce as aprendizagens • Prever sessões de orientação comportamental com os alunos, em articulação com um agente educativo especializado em questões de inclusão emocional (por ex. psicólogo escolar) para trabalhar formas de estar na escola e em sala de aula, à luz de eventuais fatores culturais ou religiosos

Tome nota!

A comunicação em português com os alunos posicionados no Nível Zero é muito limitada. As medidas universais não asseguram, por si mesmas, um acesso ao currículo equiparável a alunos de origem migrante com níveis de proficiência mais avançados ou alunos que tenham o português como língua materna.

As medidas enunciadas contribuem, sobretudo, para criar espaços de aprendizagem acolhedores e seguros, envolvendo, desde logo, os alunos em momentos-chave da aula. Tal inclusão forma a base indispensável para se aumentar gradualmente o contacto com os conteúdos curriculares das diferentes disciplinas, numa Escola que se norteia por um currículo integrador e flexível, que aposta na educação para os valores.

Sempre que se verifique que as necessidades de suporte à aprendizagem não foram supridas pela aplicação de medidas universais, devem ser mobilizadas medidas seletivas como as adaptações curriculares não significativas, a antecipação e o reforço das aprendizagens e o apoio psicopedagógico.

EXEMPLO 1: usar o *translanguaging* nas aulas

Há muitas formas de incluir o *translanguaging* nas aulas. Na prática, há *translanguaging* numa aula de língua estrangeira, quando o professor e/ou os alunos se servem tanto da língua-alvo, como do português para “navegar” as aprendizagens. Este cenário natural pode – e deve – também ser transposto para a inclusão de alunos de origem migrante, em particular em fases muito iniciais da aprendizagem do português. Assim, poderão coexistir, numa mesma aula, o português, a(s) língua(s) materna(s) dos alunos e uma ou mais línguas francas. Mesmo que o professor não domine todas estas línguas – o que é compreensível – estas podem ser um recurso de socialização e aprendizagem essencial para os alunos, conferindo sentido às suas vivências escolares. Permitem que eles construam parte das suas aprendizagens numa língua em que se sentem confortáveis, para depois as transferir para o português.



Exemplos:

- Os alunos pesquisam o tópico de estudo na sua língua materna e, em seguida, discutem-no coletivamente em português
- O professor expõe os conteúdos em português e os alunos são incentivados a tirar apontamentos na sua língua materna
- O professor expõe os conteúdos em português e, depois, faz uma breve síntese em inglês
- Os alunos escrevem uma história na sua língua materna e, em seguida, reúnem-se com outros alunos da turma para a transpor para português
- O professor solicita um trabalho de grupo em português e os alunos que partilham a mesma língua materna realizam-no em conjunto, utilizando essa língua para conferenciar sobre a tarefa
- O professor elabora, em conjunto com os alunos, um mural multilingue das palavras mais importantes na sua disciplina/tema em estudo

EXEMPLO 2: Construir materiais para o Nível Zero com recurso à Inteligência Artificial*

Simplificar o texto	Traduzir o texto	Criar atividades	Ilustrar o texto
<p>INSTRUÇÃO</p> <p>Sou professor de História do 6.º ano e estou a trabalhar o Terramoto de 1755. Esta semana, vou usar este texto.</p> <p>No 1.º dia de novembro de 1755, num sábado, pelas 9 horas da manhã sentiu-se a terra a tremer por todo o reino. Este fenómeno horrível foi acompanhado por um rugido medonho. Em Lisboa, o terramoto fez os maiores estragos. Caíram casas, igrejas e palácios. Os homens que ficaram vivos vagueavam loucamente. Outros, com os braços e as pernas quebrados, lamentavam a sua desgraça. Calcula-se que mais de 15 mil habitantes foram sepultados. A cidade, a grande Lisboa, que pouco antes era uma capital pomposa viu-se reduzida a um montão de pedras.</p> <p>Esta calamidade sentiu-se em todo Portugal, mas com maior intensidade em Lisboa, no Algarve, no Alentejo e ainda em Cascais, Peniche e Setúbal.</p> <p>Manual José da Silva Thadlim, Colleçom dos Factos Mais Memoráveis do que se Fazem Mençam neste Diário Bracarense, 1786 (adaptado)</p> <p>Tenho dois alunos dos Países Baixos que não falam português. Preciso de:</p> <ul style="list-style-type: none">• um texto simplificado em português• uma tradução, na língua materna dos alunos, do texto simplificado• dois exercícios, ajustados ao nível de língua dos alunos• uma tradução, na língua materna dos alunos, desses exercícios• uma imagem ilustrativa <p>ATIVIDADE 3: LEGENDAS</p> <p><i>Associa as legendas à imagem</i> <i>Koppel de beschrijvingen aan de afbeelding</i></p> <ol style="list-style-type: none">1. A casa cai.2. As pessoas correm.3. O fogo aparece na cidade. <ol style="list-style-type: none">1. Het huis valt in elkaar.2. De mensen slaan op de vlucht.3. De brand woedt in de stad. 	<p>RESPOSTA</p> <p>Abaixo está o texto e um conjunto de atividades em português e neerlandês, a língua oficial dos Países Baixos.</p> <p>ATIVIDADE 1: LEITURA</p> <p><i>Lê o texto em português e neerlandês.</i> <i>Lees de tekst in het Portugees en Nederlands.</i></p> <p>No dia 1 de novembro de 1755, às 9 horas da manhã, a terra treme em Portugal. Em Lisboa, casas, igrejas e palácios caem. Mais de 15 mil pessoas morrem. A cidade fica destruída. O terramoto é forte em Lisboa, no Algarve, no Alentejo, em Cascais, em Peniche e em Setúbal.</p> <p>Op 1 november 1755, om 9 uur 's ochtends, beeft de aarde in Portugal. In Lissabon vallen de huizen, kerken en paleizen om. Meer dan 15.000 mensen sterven. De stad wordt verwoest. De aardbeving is vooral te voelen in Lissabon, Algarve, Alentejo, Cascais, Peniche en Setúbal.</p> <p>ATIVIDADE 2: VOCABULÁRIO</p> <p><i>Associa as palavras em português às suas traduções em neerlandês.</i> <i>Verbind de Portugese woorden met hun Nederlandse vertaling.</i></p> <table border="1"><tr><td>Terramoto Casas Igreja Pessoas Destruição Cidade</td></tr><tr><td>Aardbeving Huizen Kerk Mensen Vernieling Stad</td></tr></table> <p>PEDE AJUDA A UM COLEGA OU AO PROFESSOR PARA LER O TEXTO E AS INSTRUÇÕES EM VOZ ALTA. TENTA REPETIR O QUE OUVES.</p> <p>VRAAG EEN KLASGENOOT OF DE LEERKRACHT OM DE TEKST EN DE OPDRACHTEN HARDOP VOOR TE LEZEN. PROBEER TE HERHALEN WAT JE HOORT.</p>	Terramoto Casas Igreja Pessoas Destruição Cidade	Aardbeving Huizen Kerk Mensen Vernieling Stad
Terramoto Casas Igreja Pessoas Destruição Cidade			
Aardbeving Huizen Kerk Mensen Vernieling Stad			

* O exemplo visa mostrar as potencialidades da Inteligência Artificial (IA) para criar, em poucos minutos, uma proposta de atividades para a inclusão curricular de alunos migrantes. Este tipo de proposta carece, naturalmente, de validação científica, pedagógica e linguística.

Como operacionalizar as normas do PLNM no Nível Zero?

As normas estabelecidas na legislação em vigor destinam-se a garantir o apoio aos alunos cuja língua materna e/ou língua de escolarização não é o português, incidindo, em particular, sobre a operacionalização do apoio à aprendizagem da língua portuguesa, como objeto de estudo e como veículo de saberes escolares.

Com base no enquadramento legal vigente e no trabalho com alunos posicionados no Nível Zero, a escola pode – e deve – proporcionar um leque diversificado de apoios, sem se restringir ao âmbito específico da disciplina de PLNM, mobilizando múltiplos agentes educativos com objetivos diversificados:

Agentes educativos	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">• Direção• Conselho Pedagógico• Equipa PLNM• Professor Titular de Turma/Diretor de Turma• Conselho de Docentes/Conselho de Turma• Professores• Equipa EMAEI• Pessoal não docente	<ul style="list-style-type: none">• Melhorar o acesso... à língua, ao currículo, aos espaços e serviços escolares• Aumentar a participação... em sala de aula, em atividades extracurriculares, na vida escolar em geral• Melhorar o desempenho... linguístico, em sala de aula, em momentos de avaliação• Assegurar o bem-estar emocional e social

A inclusão curricular dos alunos posicionados no Nível Zero requer, então, abordagens holísticas e multidisciplinares que assegurem: 1) a aprendizagem da língua e 2) as aprendizagens curriculares, veiculadas em português. Enquanto a definição do primeiro tipo de apoios pode ser delegada à equipa de PLNM, a definição do segundo tipo constitui uma tarefa mais ampla e mais complexa que envolve um esforço de coordenação ao nível do agrupamento/escola e o contributo de outros profissionais.

Uma primeira decisão essencial dos órgãos de gestão diz respeito ao tipo de integração que se pretende propor aos alunos posicionados no Nível Zero. Para o efeito, estão previstos dois modelos.

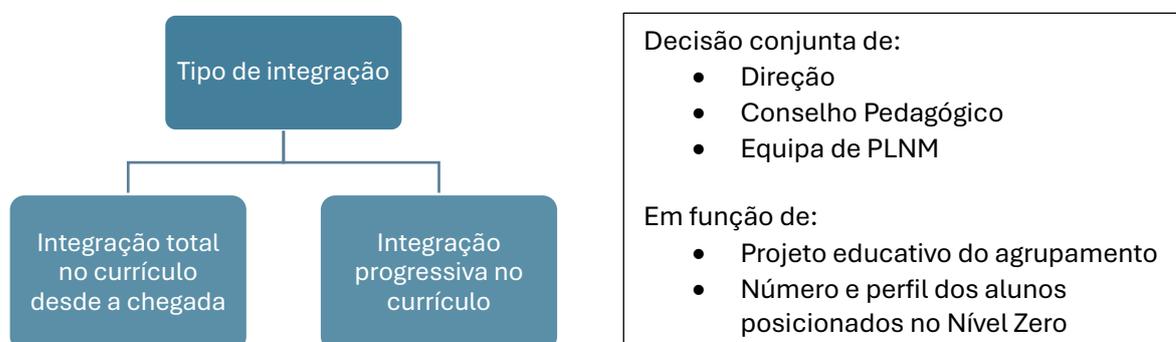
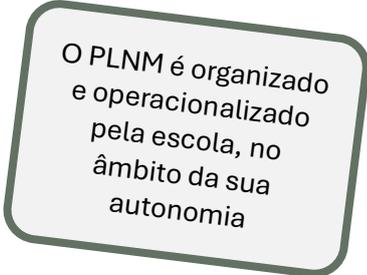


Figura 5: Modelos de integração para o Nível Zero

A integração progressiva encontra-se estipulada na legislação em vigor. À luz deste quadro legal, os alunos posicionados no Nível Zero podem, numa primeira fase da integração no sistema educativo português, frequentar as atividades letivas que a escola considere adequadas às suas especificidades, desde que fique garantida a sua vinculação a um grupo/turma e a realização de atividades para cumprimento do tempo equivalente ao tempo total previsto da matriz curricular-base do respetivo ano de escolaridade.

A opção por uma integração progressiva no currículo pode constituir uma resposta adequada às necessidades específicas dos alunos posicionados no Nível Zero. Importa, contudo, que não se trate de uma mera medida administrativa, exigindo-se, pelo contrário, uma tomada de decisão fundamentada pela escola, de acordo com as orientações definidas pelo Conselho Pedagógico e ponderadas pelos Conselhos de Docentes/de Turma.



O PLNM é organizado e operacionalizado pela escola, no âmbito da sua autonomia

O encaminhamento dos alunos para medidas de integração progressiva implica alguns cuidados.

É necessário tomar decisões quanto às **disciplinas a frequentar** numa fase inicial e às que só serão frequentadas posteriormente. Poderá justificar-se, adicionalmente, a criação de um guião a utilizar pelos docentes de PLNM, pelos professores Titulares de Turma/Diretores de Turma e/ou por outros profissionais no processo de recolha de informação sobre experiências escolares prévias, línguas faladas, interesses dos alunos, entre outros aspetos tidos como relevantes, nomeadamente de cariz cultural e religioso.

A integração progressiva no currículo é particularmente relevante para os alunos posicionados no Nível Zero, pelo que o seu **horizonte temporal** deverá ter em conta a especificidade desta fase de desenvolvimento (*Vide* p. 10). Ainda que se deva evitar um excessivo adiamento da integração na totalidade do currículo, a medida não termina necessariamente no final do Nível Zero, dado destinar-se também a alunos posicionados nos níveis A1 e A2, como previsto na legislação vigente. A aplicação de testes de aferição de nível e de outros instrumentos que permitam validar o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos será, portanto, fundamental para decidir o momento exato em que deixarão de estar abrangidos por esta medida.

Cabe, aos Conselhos de Docentes/de Turma, a formalização de um **plano de acompanhamento pedagógico** para os alunos, com uma previsão da recuperação, no período/semestre/ano seguinte, das aprendizagens não realizadas. Nos casos em que o quadro legal o permite, os alunos transitam para o ano seguinte, registando-se uma alínea nas disciplinas que não foram frequentadas na totalidade.

A integração progressiva deverá servir o objetivo da **aprendizagem do português, ao mesmo tempo que se promove a inclusão curricular**, num ambiente cognitivamente desafiante. Tal implica o reforço da aprendizagem da língua portuguesa, de acordo com as Aprendizagens Essenciais da disciplina de PLNM, idealmente a cargo de um professor com formação e experiência na área. Exige também a dinamização de atividades orientadas para a inclusão e o conhecimento da história e cultura portuguesas, por parte de um mediador ou tutor no âmbito da inclusão de migrantes. Para o desempenho destas funções, deve considerar-se a possibilidade de mobilização de recursos humanos já existentes na escola ou docentes/técnicos especializados a contratar (com recurso a crédito horário). Requer, por último, a realização de atividades que permitam o desenvolvimento de competências associadas às disciplinas que o aluno não está a frequentar, envolvendo, além dos profissionais já referidos, professores de diferentes áreas curriculares na produção de recursos didáticos e no trabalho a efetuar com os alunos. Para a otimização desta vertente, deverão ser previstos tempos específicos nos horários dos docentes.

Se, num primeiro momento, se admite a oferta de atividades que visem sobretudo a aprendizagem intensiva do português, é fundamental, que se alargue gradualmente o escopo das atividades propostas, de modo a promover uma inclusão curricular mais abrangente. Para a implementação da integração progressiva nesta perspetiva mais abrangente, recomenda-se a consulta e adaptação, ao perfil dos alunos posicionados no Nível Zero, de experiências de sucesso nacionais e internacionais no âmbito da Aprendizagem Integrada de Conteúdos Curriculares e Língua (CLIL) e do Ensino Bilingue. Este tipo de programas requer a mobilização de docentes de diferentes áreas disciplinares, eventualmente em codocência, num formato de currículo adaptado/integrado, com alargamento a outros intervenientes (pessoal técnico, mediadores culturais e linguísticos, membros da comunidade...).

Como avaliar o desempenho curricular no Nível Zero?

Os alunos recém-integrados no sistema educativo português não apresentam desempenhos semelhantes aos dos seus colegas, sejam eles alunos migrantes com níveis mais avançados de português ou alunos de língua materna portuguesa. Tal não significa, porém, que não se verifiquem progressos significativos nas suas aprendizagens.

Numa fase muito inicial, é natural que os progressos mais evidentes ocorram no domínio da aprendizagem da língua, enquanto meio de comunicação em situações do quotidiano. Progressivamente, podem também desenvolver aprendizagens relevantes nas diferentes áreas curriculares, desde que lhes sejam dadas oportunidades nesse sentido. Todas estas aprendizagens devem ser valorizadas no processo de avaliação.

No que toca à avaliação interna e no quadro dos normativos em vigor, os alunos posicionados no Nível Zero devem beneficiar de adequações no processo de avaliação, implicando a operacionalização articulada e coerente de um conjunto de aspetos:

Critérios de avaliação específicos para o Nível Zero

Em cada uma das áreas curriculares, ou de forma mais transversal, devem ser definidos critérios específicos de avaliação, contemplando quer os domínios e parâmetros de avaliação a privilegiar, quer as dinâmicas e os instrumentos de avaliação mais adequados.

Dinâmicas de avaliação

- A recolha de informação pode ser realizada oralmente ou por escrito, em contextos mais formais ou mediante a realização de tarefas práticas, de acordo com o perfil dos alunos (competências linguísticas e fatores individuais).
- Os alunos posicionados no Nível Zero devem beneficiar de mais tempo para a realização das tarefas de avaliação.
- O faseamento é fundamental para a avaliação de aprendizagens mais complexas.
- A mobilização de mediadores linguísticos (profissionais ou pares) permite avaliar aprendizagens, sem barreiras linguísticas.
- Deve reforçar-se os mecanismos de *feedback*, garantindo que os alunos compreendem o que lhes é pedido e evitando que as dificuldades se prolonguem ou se acumulem.
- Os pares podem desempenhar um importante papel no apoio à execução das tarefas de sala de aula, incluindo a avaliação.

Instrumentos de avaliação

- Os instrumentos devem ser diversificados, para possibilitar a recolha de informação sobre todos os progressos realizados (implicação no trabalho, desenvolvimento de competências comunicativas, aprendizagens específicas nas áreas curriculares).
- O portefólio constitui um instrumento adequado, desde que haja apoio, aos alunos, na seleção e compilação de evidências da evolução dos seus desempenhos.
- Caso se opte por instrumentos de avaliação escrita, é importante:
 - Prever atividades que demonstrem compreensão de conteúdos, sem envolver produção oral ou escrita (apontar, associar, ...)
 - Construir enunciados bilingues, com recurso a uma língua-ponte ou à língua materna
 - Construir itens de seleção simples, isentos de subtilezas linguísticas
 - Optar por itens de construção de resposta curta (apenas uma palavra ou expressão)
 - Construir instruções curtas com frases simples e destaque visual de aspetos fundamentais (por ex. verbos de comando)

A análise das informações recolhidas sobre as aprendizagens dos alunos traduz-se, no final de cada trimestre/semestre, na atribuição de uma menção ou classificação. No caso dos alunos posicionados no Nível Zero, deve ser acautelada a especificidade do seu percurso escolar, realizado em contexto de imersão linguística:

Expressão da avaliação sumativa

Relativamente aos alunos que frequentam um programa de integração progressiva, a equipa multidisciplinar que os acompanhe deve realizar um balanço das aprendizagens, a consistir numa avaliação qualitativa e numa síntese descritiva.

Quanto à avaliação das áreas curriculares frequentadas pelos alunos (integração progressiva ou na totalidade do currículo) é igualmente de privilegiar uma apreciação descritiva, explicitando aquilo que os alunos são capazes de fazer, o que têm de melhorar e dando orientações para o seu progresso.

Nesta fase, justifica-se o registo de alíneas em pauta, evitando a atribuição de menções ou de classificações que não fazem justiça ao esforço e aos progressos linguísticos realizados.



Efeitos da avaliação sumativa

Quer no quadro de uma integração progressiva no currículo, quer nas situações em que se toma a decisão de promover a frequência da totalidade do currículo, a transição e progressão dos alunos deve constituir uma decisão pedagógica da competência do professor titular de turma (PT), em articulação com o Conselho de Docentes, ou do Conselho de Turma (CT), consoante o ciclo de estudos frequentado.

Assim, no final do ano letivo, mesmo não tendo frequentado a totalidade das disciplinas, o PT/CT deverá equacionar se o aluno desenvolveu, ou não, as competências necessárias para dar continuidade ao seu percurso no ano de escolaridade seguinte. No caso particular dos alunos que ingressam na escola sem conhecimentos prévios do português (Nível Zero), recomenda-se que seja feito um teste de proficiência linguística para a eventual passagem do aluno para o nível A1 no decorrer da integração progressiva no currículo.

Nos casos em que se optou por uma integração progressiva no currículo, deve o professor de PLN (ou PT), em articulação com o Conselho de Docentes/Conselho de Turma (CT), definir um plano de recuperação das aprendizagens, de modo a garantir a qualidade dos percursos de aprendizagem.

Quando transitam os alunos para o Nível A1?

Enquanto estão no Nível Zero, os alunos migrantes desenvolvem gradualmente um primeiro conjunto de competências comunicativas, ainda que muito elementares, em português. É objetivo desta secção definir tais competências, como forma de apurar se e quando estão aptos a avançar para o nível A1.

Para definir estas competências, parte-se dos descritores do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR). O QECR (2001) define o nível A1 (Iniciação) como o mais baixo nível do uso gerativo da língua, ressaltando, porém, que antes de se atingir este nível, “é possível definir algumas tarefas relevantes para as necessidades dos aprendentes, que podem ser realizadas com eficácia utilizando apenas material linguístico muito restrito” (p. 58). Este entendimento encontra-se refletido nos volumes complementares ao QECR, publicados em 2018 e 2020, que passam a incluir, de forma explícita, o nível Pré-A1.

Os alunos posicionados no Nível Zero progredem para o nível seguinte quando exibem competências de Pré-A1

A constatação de que os alunos possuem, de forma parcial ou total, as competências previstas para o nível Pré-A1 é um indicador claro de que já evoluíram para além do Nível Zero.

Em termos globais, considera-se que o utilizador/aprendente já não se encontra no Nível Zero quando é capaz de compreender e transmitir mensagens muito simples, recorrendo a palavras isoladas e expressões formulaicas de uso recorrente. Não será, ainda, capaz de comunicar de forma autónoma ou criativa, nem de fazer um uso gerativo da língua.

O facto de o aluno transitar de nível não significa que seja capaz de acompanhar o currículo sem ajuda. Nesse sentido, as medidas propostas neste guia não são exclusivas do Nível Zero, devendo manter-se também noutros níveis de proficiência, ainda que com os devidos ajustes. Assim, a comunicação mediada e o desenvolvimento de competências comunicativas básicas em português devem ser gradualmente substituídas pelo desenvolvimento de competências de língua e de literacia mais avançadas, atendendo aos usos curriculares do português.

Os apoios educativos devem manter-se após o Nível Zero, com ajustes ao perfil dos aprendentes

A lista de descritores elencados nas páginas seguintes reúne um conjunto de competências representativas dessa fase de desenvolvimento, contextualmente pertinentes e ajustadas a crianças e jovens. Trata-se de descritores globais e ilustrativos, acompanhados de exemplos de situações de uso. Os descritores baseiam-se no QECR (2020) e em trabalhos relativos a este público-alvo, validados pelo Conselho da Europa, com adaptações à realidade escolar portuguesa.

Tome nota!

Esclarecimentos sobre os descritores comunicativos:

- Os descritores permitem observar, lado a lado, as competências expectáveis dos alunos em diferentes domínios (*compreensão, produção, interação, mediação / oral, escrita*). Na prática, os alunos podem apresentar perfis mistos, progredindo mais rapidamente num domínio do que noutro(s).
- Os descritores pressupõem um aprendente “universal”. É importante, no trabalho com os alunos, ter em conta variáveis como o perfil geral de competências e a sua idade, além de outras características individuais (motivação, estado emocional, estilo de aprendizagem, etc.).
- Os descritores disponíveis nos documentos europeus pressupõem, ainda que implicitamente, que o aprendente já sabe ler e escrever. Na prática, esta situação não se verifica sempre, havendo alunos que não foram alfabetizados na sua primeira língua ou que o foram num alfabeto/sistema de escrita diferente do português. A criação de descritores (e, conseqüentemente, de medidas de apoio) para este perfil transcende o âmbito do presente guia, sendo esta questão retomada e aprofundada nos volumes complementares (a disponibilizar).
- Os descritores sublinham a natureza interativa da comunicação humana. Ao interagir com um aluno de Nível Zero, o interlocutor assume o papel fundamental de facilitador, auxiliando e coconstruindo a mensagem. Sem esse auxílio constante e muito grande, a comunicação – mesmo que elementar – não seria possível.
- A produção oral e escrita no Nível Zero é necessariamente muito lacunar e, de um modo geral, apresenta as seguintes características:
 - Ocorrem ruturas e incompreensões muito frequentes
 - São cometidos sistematicamente erros gramaticais elementares
 - O sotaque estrangeiro é evidente
 - Faz muitas pausas para procurar expressões, articular palavras que lhe são menos familiares e remediar problemas de comunicação
 - Os parceiros na conversação necessitam de pedir repetições e reformulações
 - Na escrita, não são observadas as convenções ortográficas

Domínio ¹	O aluno transita para o nível A1 se for capaz de...	Exemplos de situações de uso
<p>Compreensão oral</p>	<p>compreender perguntas e afirmações curtas e muito simples, desde que estas sejam proferidas de forma clara e pausada, ilustradas com gestos ou imagens que facilitem a compreensão e/ou objeto de repetição.</p> <p>identificar palavras e expressões que lhe são familiares, desde que estas sejam proferidas de forma clara e pausada, num contexto bem definido, quotidiano e familiar.</p> <p>compreender instruções curtas e muito simples, desde que estas sejam pronunciadas de forma pausada e frente a frente, acompanhadas de indicações visuais ou gestos e/ou objeto de repetição.</p> <p>reconhecer palavras, expressões, nomes e números conhecidos, em gravações curtas e muito simples, desde que sejam proferidos de forma clara e pausada.</p> <p>identificar o tema de um vídeo a partir de informações visuais e de conhecimento prévio.</p> <p>deduzir o sentido de uma palavra ou de uma expressão, a partir de uma imagem ou de um pictograma que a acompanhe.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreende perguntas pessoais muito simples, por exemplo “Como te chamas?” ou “Quantos anos tens?”. • Identifica os nomes de lugares que frequenta regularmente (escola, turma, jardim, campo de jogos, papelaria...). • Identifica os nomes de roupas que veste e alimentos que come na escola. • Identifica os nomes de alguns animais e plantas. • Identifica as horas quando alguém diz que horas são, por exemplo: "São quatro e meia." • Identifica os dias da semana, os meses e as estações do ano numa intervenção oral, por exemplo: "segunda-feira", "janeiro", "primavera." • Identifica os nomes de objetos do quotidiano na sala de aula. • Compreende algumas palavras de uso muito frequente nas aulas de história e geografia, educação física, matemática... • Entende instruções muito simples dadas pelo professor durante a aula (“levanta-te”, “senta-te”, “entra”, “sai”, “diz”, “escuta”, “abre o livro”, “vem ao quadro”, “para”, “corre”, etc.).

¹ Os descritores assumem uma abordagem comunicativa, estando organizados em quatro domínios: 1) compreensão oral, 2) produção, interação e mediação orais, 3) compreensão escrita e 4) produção, interação e mediação escritas. A realização das intenções comunicativas pressupõe a mobilização de competências gerais, bem como de competências comunicativas em língua, nomeadamente as competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas. Os documentos europeus não apresentam descritores para as competências sociolinguísticas e pragmáticas de nível Pré-A1, dado corresponder a um estágio muito inicial de contacto com a língua. Incluem, contudo, alguns descritores para a competência linguística, que evidenciam o recurso a material linguístico muito restrito, a saber:

- é capaz de utilizar palavras ou expressões isoladas e muito simples para dar informações
- é capaz de utilizar regras muito simples de ordenação de palavras e expressões em frases curtas

Domínio	O aluno transita para o nível A1 se for capaz de...	Exemplos de situações de uso
<p>Produção, interação e mediação orais²</p>	<p>dar informações de carácter pessoal, utilizando palavras, expressões, frases muito curtas e gestos, desde que tenha havido uma preparação prévia.</p> <p>expressar sentimentos, utilizando gestos, linguagem corporal e palavras.</p> <p>compreender, em contexto de interação, perguntas muito simples que lhe dizem diretamente respeito, desde que seja questionado de forma pausada e clara e as informações possam, por vezes, ser repetidas.</p> <p>colocar questões muito simples sobre hábitos quotidianos, utilizando frases curtas de uso corrente e servindo-se de gestos.</p> <p>compreender, em contexto de interação, informação pessoal muito simples, quando alguém se apresenta diretamente, de forma pausada e clara.</p> <p>realizar pedidos muito simples desde que possa recorrer a gestos (como apontar).</p> <p>apontar para algo e perguntar do que se trata.</p> <p>colocar questões muito simples para obter informações e compreender uma ou duas palavras ou gestos da resposta.</p> <p>transmitir, numa língua, informações muito simples, solicitadas ou facultadas noutra língua, desde que estas sejam repetidas de forma pausada e clara.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimenta e despede-se de pessoas, usando palavras e expressões como “olá” ou “bom dia”. • Apresenta-se muito brevemente, indicando o nome, idade, turma ou país de origem. • Entende, numa interação, informações importantes e muito simples, quando outras pessoas se apresentam, como o nome, a idade e de onde vêm. • Numa interação, é capaz de perguntar o nome a alguém e perguntar como alguém está. • Entende, em contexto de interação oral, palavras e expressões, como “por favor”, “obrigado/a”, “não, obrigado/a”, “desculpe”. • Expressa agradecimentos e desculpas, recorrendo a palavras e expressões muito simples, como “obrigado/a”, “desculpa”, etc. • Diz como se sente, usando palavras isoladas como “feliz” ou “cansado/a”. • Pergunta e responde a questões sobre a data e a hora, usando palavras ou expressões como “hoje”, “terça-feira”, “fim de semana” ou “até logo”. • Formula pedidos de esclarecimento muito simples, acompanhados de gestos, como “isto?” ou “o que é?”. • Compreende uma pergunta formulada em português, como “quantos anos tens?”, e responde com um número em inglês ou noutra língua. • Formula, em português, uma palavra ou expressão muito simples veiculada noutra língua, por um colega, como o nome de um material escolar.

² A mediação, prevista no QECR (2001), foi assumida como um domínio próprio em trabalhos posteriores (2018; 2020). Define-se da seguinte forma:

“Na mediação, o aprendente/utilizador atua como um agente social que cria pontes e ajuda a construir ou transmitir significados, às vezes dentro do mesmo idioma, outras vezes de um idioma para outro (mediação interlinguística). O foco está no papel da linguagem em processos como: criar o espaço e as condições para a comunicação e/ou aprendizagem, colaborar para construir novos significados, incentivar outros a construir ou compreender novos significados e transmitir novas informações de forma apropriada. O contexto pode ser social, pedagógico, cultural, linguístico ou profissional!” (QECR, 2020, p. 90, trad. nossa do inglês).

Domínio	O aluno transita para o nível A1 se for capaz de...	Exemplos de situações de uso
<p>Compreensão escrita</p>	<p>ler e compreender globalmente letreiros, mensagens, convites ou comunicados breves e muito simples da vida quotidiana, ilustrados e formulados com palavras de uso corrente, desde que não haja abreviaturas.</p> <p>localizar, em documentos informativos, folhetos, cartazes ou registos feitos no quadro, informações muito circunstanciadas, como locais, datas ou preços.</p> <p>deduzir o sentido de uma palavra ou expressão muito simples e do contexto quotidiano, a partir de uma imagem ou de um pictograma que a acompanhe.</p> <p>compreender instruções curtas e muito simples do contexto quotidiano, sobretudo se estas forem acompanhadas de imagens ilustrativas ou tenham sido utilizadas anteriormente, na mesma forma ou numa forma semelhante.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica os dias da semana ou os meses do ano registados no quadro, como "segunda-feira" ou "2 de janeiro". • Identifica uma data, um local ou um preço num comunicado escrito sobre uma visita de estudo. • Associa palavras e expressões muito simples e do quotidiano a imagens, como o nome de material escolar ou alguns produtos à venda no bar da escola. • Entende mensagens escritas curtas e muito simples em contexto escolar, como "estou na biblioteca" ou "volto às 14h00". • Consulta dias, horas e/ou salas num horário escolar. • Identifica preços de produtos ilustrados numa ementa escolar. • Entende instruções muito breves em contexto escolar, como "apaga a luz!", "fecha a porta!", "puxe", "empurre", "silêncio!". • Compreende instruções muito simples em manuais e fichas de trabalho, como "copia" ou "responde". • Entende as opções mais importantes num programa de computador, como "imprimir", "gravar", "copiar", "apagar".

Domínio	O aluno transita para o nível A1 se for capaz de...	Exemplos de situações de uso
<p>Produção, interação e mediação escritas</p>	<p>escrever informações pessoais muito simples em suporte de papel ou em linha, desde que possa recorrer a uma lista de palavras, utilizar um dicionário e/ou servir-se de instrumentos de tradução automática.</p> <p>transmitir informações muito simples por meio de expressões e frases curtas, recorrendo a um dicionário.</p> <p>enumerar, numa língua, informações muito elementares e de interesse imediato, solicitadas ou facultadas noutra língua, desde que estas sejam redigidas de forma muito simples e acompanhadas de ilustrações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Preenche formulários e fichas de identificação muito simples com dados pessoais, como o nome, apelido, idade, nacionalidade, etc. • Escreve/preenche o seu horário escolar, com recurso a uma lista de disciplinas. • Elabora ou responde a uma mensagem muito simples, numa interação em linha com colegas, como "onde estás?"; "na biblioteca", "a que horas chegas?"; "às dez", com eventual recurso à tradução em linha. • Mostra que compreende o que lhe é solicitado em português, produzindo uma lista de informações com recurso a outra língua, como a nacionalidade, o país de origem, as línguas que fala ou o nome da escola que frequentava.

Documentos de referência

- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Edições ASA.
- Council of Europe (2018). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Companion Volume with New Descriptors*. CE.
- Council of Europe (2018). *Collated representative samples of descriptors of language competences developed for young learners. Resource for educators, Volume 1: Ages 7-10*. CE.
- Council of Europe (2018). *Collated representative samples of descriptors of language competences developed for young learners. Resource for educators, Volume 2: Ages 11-15*. CE.
- Council of Europe (2020). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment – Companion Volume*. CE.
- ME (2018). Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018, Série I-A de 2018-07-06*.
- ME (2018). Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018, Série I-A de 2018-07-06*.
- ME (2022). Despacho n.º 2044/2022, de 16 de fevereiro de 2022. *Diário da República n.º 33/2022, 2.ª Série de 2022-02-16*.
- ME-DGE (2024). *Inclusão de Alunos Migrantes em Meio Educativo*. ME-DGE.
- Pereira, F. (Coord.) (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Ministério de Educação/Direção-Geral da Educação.

